

APRESENTAÇÃO

Discurso e Cultura vol. 2 foi organizado em 10 capítulos. Trata-se da sequência de um projeto mais amplo que apresenta o resultado de pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de *Pesquisa Memória e Cultura na Língua Portuguesa Escrita no Brasil*, sob a liderança do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP e que, nesse volume, convida, também, pesquisadores e pesquisadoras de outros centros de pesquisa para refletirem acerca das questões discursivas e culturais.

Neste volume, ancorados nas ciências da linguagem, os autores e autoras se propõem a examinar o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica e cultural. Apoiados no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, em sua perspectiva enunciativo-discursiva, as pesquisas aqui apresentadas se fundamentam, em especial, nas contribuições teórico-metodológicas de Dominique

Maingueneau, mas investindo em recortes interpretativos para a construção do *corpus*.

Jarbas Vargas Nascimento e **Marcel Fernandes Gugoni** abrem a coletânea com o capítulo intitulado *A autoconstituição do discurso filosófico sobre a verdade em tempos de pós-verdade*. Embora a questão da verdade seja colocada em foco em várias áreas do conhecimento, os autores se propõem a trazê-la para o âmbito da Linguística, buscando, pela via da Análise do Discurso de linha francesa, o modo como o discurso constituinte filosófico encena a verdade, nas condições sócio-históricas e culturais da pós-verdade. Analisam, assim, a constituição do discurso filosófico para, em seguida, identificar a cena enunciativa filosófica, seu enunciador e a forma de operacionalização de estratégias linguístico-discursivas que legitimam esse discurso. Conforme apontam Cossutta (1994), Maingueneau & Cossutta (1994), Maingueneau (1995), o discurso filosófico se inclui na categoria de discursos constituintes, os quais fundam sua condição de emergência, funcionamento e circulação, ao lançar mão de sua própria autoridade, para estabelecer as condições de validade de seus enunciados e de validação dos demais. A análise sinaliza que, no discurso filosófico de Arendt – *corpus* selecionado pelos autores – as estratégias linguístico-discursivas evidenciam uma contradição entre verdade racional, fruto da razão e da própria construção do saber, e verdade fatural, sujeita à disputa política por força da opinião, sendo essa categorização a que melhor é subvertida em tempos de pós-verdade.

Rosângela A. Ribeiro Carreira, na sequência, em *Gênero sentença como cena de enunciação inquisitória de direitos constitucionais*, examina, por meio da Análise do Discurso Forense, a maneira pela qual se dá a construção da cena de enunciação do gênero do discurso “sentença inquisitória”; e como tal cena é atravessada por elementos dialógicos que instituem um discurso de controle e poder que desconstrói o Estado Democrático de Direito.

A autora constrói um *corpus* se valendo da sentença proferida no caso do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, emitida em 12 de julho de 2017, pela 13ª. Vara Criminal de Curitiba, processo n.º 5046512-94.2016.4.04.7000. As unidades de análise discursivas pautam-se em Adam (2001), Maingueneau (2010), Maingueneau (2006 e 2008), Pinto, Pinho e Teixeira (2017) e Foucault (2005). Considera-se que é a partir do delineamento do quadro cênico que as relações entre os enunciadores se estabelecem e dela emanam as relações de poder. Procurou-se, assim, identificar como as estratégias discursivas rompem com direitos civis que afetam a cidadania democrática em geral.

Anderson Ferreira examina, no terceiro capítulo, a formação discursiva temática “corrupção” em *A dimensão ético-moral no discurso da corrupção: um gesto de leitura*. O autor constrói uma formação discursiva temática que materializa a questão da corrupção, a partir de práticas discursivas sobre o fenômeno no Brasil. Fundamentado no aparato teórico-metodológico fornecido pela Análise do Discurso de linha francesa em sua perspectiva enunciativo-discursiva, Ferreira mobiliza a categoria de cenografia digital e verbal, postulada por Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2011, 2013, 2015, 2016). Em virtude da filiação teórico-metodológica assumida no trabalho, o autor procura abordar a dimensão ético-moral no discurso da corrupção pelos dizeres e pelos lugares que os autorizam, aproximando, numa Configuração de análise particular, os discursos publicitário e jornalístico.

Izilda Nardocci e Milena Nardocci, em *Discurso publicitário: em destaque as embalagens de alimentos para criança*, voltam-se para o discurso das embalagens de alimentos que tem como alvo o consumidor infantojuvenil. As autoras visam a identificar o *ethos* discursivo projetado na cenografia desse discurso e verificar a validade do *ethos* pelo ponto de vista nutricional, com base no Guia Alimentar do Ministério da Saúde. Elas lembram, também,

que, embora exista, no Brasil, um arcabouço jurídico que protege a criança contra os excessos apelativos nos anúncios publicitários, o discurso encontra formas de oferecer um produto por meio de sua embalagem e *mídiu*m. Fundamenta sua pesquisa o referencial teórico-metodológico da Análise do discurso de linha francesa, em particular, os estudos de Maingueneau (2005, 2008, 2013, 2015) e, de modo interdisciplinar, recuperam os estudos de Strehlau (1996) e Mestriner (2007) sobre a gestão das embalagens. Nesse quadro, as autoras mobilizam os esclarecimentos do Ministério da Saúde sobre a classificação dos alimentos.

Jonatas Eliakim, no quinto capítulo, intitulado *Identidade cultural em discursos de terreiro*, examina a construção do *ethos* de herói em discursos de ponto de umbanda. O autor propõe identificar, no gênero de discurso, os modos de organização e de inscrição dos sujeitos na cenografia, avaliando que o *ethos* que emerge na e pela cenografia dos discursos de grupos sociais relaciona-se com o conjunto de valores e princípios defendidos por identidades socioculturais. Para tanto, toma como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa em sua perspectiva enunciativo-discursiva, a praticada por Dominique Maingueneau. O *corpus*, composto por oito pontos de umbanda e apreendidos como discursos, permite identificar as regularidades pretendidas e apresentar a construção do laço de pertencimento identitário necessário, para que a figura identitária do grupo – o herói – seja constituída.

Micheline Mattedi Tomazi e Candido Ferreira Souza Junior, mobilizando as categorias de cenografia e *ethos* discursivo, em *Encenação no gênero de discurso teológico parábola: a cenografia pedagógica em “O Bom Samaritano”*, tematizam o estudo do discurso teológico no gênero parábola, tomado como discurso constituinte, a partir da perspectiva enunciativo-discursiva

proposta por Maingueneau, com o objetivo de analisar a maneira pela qual a encenação do discurso é construída. Os autores revelam que, nas parábolas examinadas, a prática discursiva do enunciador, Jesus, se investe de um *ethos* de Mestre e cria uma cenografia carregada de papéis enunciativos previstos na prática pedagógica.

Márcio Rogério Oliveira Cano e Ricardo Celestino, em *Lugares interincompreensivos e ambivalentes em anúncios publicitários que topicalizam a sexualidade*, selecionam como aporte teórico-metodológico a noção de interincompreensão proposta por Maingueneau (2008). Observam, também, que a prática enunciativo-discursiva incide em ecos polêmicos, fruto do diálogo que um discurso proporciona a uma memória de outros discursos com posicionamentos divergentes ou convergentes aos enunciados desenvolvidos. Para o diálogo, mobilizam os estudos de Bauman (1999), em suas reflexões acerca da ambivalência, que afetam na possibilidade de conferir a um objeto ou evento da sociedade mais de uma lógica racional. Os autores focalizam, dessa maneira, os efeitos de sentido presentes em anúncios publicitários, que topicalizam a diversidade de gênero num anúncio publicitário da empresa Boticário, realizado em 2015, na ocasião de comemoração ao dia dos namorados. Nessa senda, Cano e Celestino revelam marcas de um corpo estranho enunciado, que possibilita a observância de uma polêmica interincompreensiva, fruto de seu lugar ambivalente na sociedade. Nessa perspectiva, o *corpus* construído serve de ponto de partida para a reflexão acerca da heteronormatividade, enquanto formação discursiva constitutiva dos discursos de anúncios publicitários, que propõe uma resposta exorcizante a um tema como a sexualidade, complexo na vida social cotidiana.

Rafael Cossetti, em *A cenografia de manifesto político na produção discursivo-literária de sujeitos transgêneros*, examina a produção discursivo-literária de sujeitos transgêneros, desenvolvida

em uma cenografia de manifesto político e a constituição de sua paratopia. Fundamentado no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, o autor se propõe a dar conta do caráter interdisciplinar da análise dos três discursos literários, retirados da coletânea *Nós, trans: escrituras de resistência do Grupo Transcritas Coletivas*, em diálogo com Judith Butler, que aborda o gênero social como uma norma que se materializa discursivamente. Além de constituir-se de forma paratópica, a produção discursivo-literária analisada busca criar um lugar social para esses sujeitos em resistência à matriz cisgênero.

Adriana Recla, no penúltimo capítulo, *Interdiscurso e memória discursiva: um estudo do discurso “Uma grande amizade”*, propõe o exame do interdiscurso e da memória discursiva no discurso “Uma grande amizade”, produzido por tupiniquins da aldeia Caieiras Velhas, com o intuito de explicitar o funcionamento e os efeitos de sentido que dele emergem. A autora mobiliza, nas propostas de Maingueneau (1993, 2005a e 2005b), os processos metodológicos para a análise, e elege como categorias: o interdiscurso, as cenas de enunciação (ênfatisando a cenografia) e o *ethos* discursivo. É possível verificar, em sua análise, que há uma rede de interação semântica, histórica e cultural, que define um processo de interincompreensão generalizada, condição de diversas posições enunciativas, que desvelam aspectos da cultura desse povo.

Eli Castanho finaliza a coletânea com o capítulo de intitulado *Quando políticas linguísticas se mostram nos discursos: algumas representações sobre o guarani da fronteira Brasil/Paraguai*. O capítulo tem como objeto de análise as representações de universitários sobre o guarani, na fronteira do Brasil com o Paraguai. Pela análise, ficam evidentes ecos de políticas linguísticas implantadas. Pôde-se ler, nos discursos dos brasileiros e paraguaios, respectivamente: um posicionamento de desconhecimento da língua e cultura do país vizinho, culminando em representações

preconceituosas, talvez em razão de políticas de invisibilidade das línguas indígenas; contra um enaltecimento do guarani, cujas motivações remontam um revisionismo histórico da língua como símbolo nacional.

Agradecemos a colaboração de todas as pessoas que fizeram o possível para tornar real a publicação do segundo volume do livro *Discurso e Cultura*.

Os Organizadores

São Paulo, primavera de 2019.